

## **“ANTES EU ERA PEÃO, DEPOIS FIQUEI PATRÃO”: CONSTRUÇÕES E VIVÊNCIAS NA RELAÇÃO DO SUJEITO COM O TRABALHO**

**Diélen Caron, Pedro Henrique de Góis**

### **Resumo**

O trabalho constitui um fenômeno psicossocial fundamental à existência humana, sendo que as vivências relacionadas ao âmbito laboral, marcado por forças e resistências, atravessam a vida dos sujeitos produzindo diferentes impactos ao longo de sua trajetória. O presente estudo tem como objetivo analisar como a relação do sujeito com o trabalho configura modos de ser/existência observando sua trajetória de vida, tendo como campo de análise a figura de um sujeito-empresendedor que gerencia duas pousadas estudantis no noroeste do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo qualitativo, de caráter exploratório, desenvolvido por meio do método etnográfico, no ano de 2021, com base em entrevista semiestruturada e observação participante no contexto investigado. Evidenciou-se a emergência das categorias de “peão”, “patrão” e “pai Toni” como referências identitárias ao longo da trajetória do sujeito pelo desempenho de diferentes papéis nos diversos grupos sociais pelo qual o sujeito participou, dentre esses o papel de trabalhador, onde manifestou-se a centralidade do trabalho na constituição de si do sujeito, no entanto, o trabalho enquanto um atravessamento em sua trajetória, mostrou-se diferente da simplificação trazida pelo viés econômico como única resposta ao sentido do trabalho.

### **Palavras-chave**

trabalho; sujeito; subjetividade; trajetória profissional; constituição de si.

**Abstract** Work constitutes a psychosocial phenomenon fundamental to human existence, and experiences related to the work environment, marked by strengths and resistance, cross the lives of subjects, producing different impacts throughout their trajectory. The present study aims to analyze how the subject's relationship with work configures ways of being/existence by observing his life trajectory, having as a field of analysis the figure of a subject-entrepreneur who manages two student hostels in the northwest of the state of Rio Grande do Sul. This is a qualitative, exploratory study, developed using the ethnographic method in 2021, based on semi-structured interviews and participant observation in the context investigated. The emergence of the categories of "peão", "boss" and "pai Toni" as identity references throughout the subject's trajectory was evidenced by the performance of different roles in the various social groups in which the subject participated, among them the role of worker, where the centrality of work in the subject's self-constitution was manifested. However, work as an intersection in his trajectory, proved to be different from the simplification brought by the economic bias as the only response to the meaning of work.

**Keywords** work; subject; subjectivity; professional trajectory; constitution of self.

## INTRODUÇÃO

O trabalho compreende um fenômeno complexo, multifacetado e polissêmico, podendo assumir diferentes conotações em meio a diversas definições e perspectivas epistemológicas de análise (Silva; Tolfo, 2012). As diversas concepções sobre o trabalho são resultantes de um processo de criação histórica, no qual o desenvolvimento e a propagação de cada uma são concomitantes à evolução dos modos e relações de produção, da organização da sociedade como um todo e das formas de conhecimento humano (Neves et al., 2018).

O conceito de trabalho na perspectiva contemporânea é carregado de sentido individual e social, sendo definido como meio de produção da vida, ao prover subsistência, criar sentidos existenciais e contribuir na estruturação da subjetividade e da identidade (Tolfo; Piccinini, 2007). De acordo com Bertani e Barreto (2004), o trabalho traz um universo de significados, cujas transformações trazem por sua vez implicações aos modos de viver e subjetivar, sendo um identificador de estilos de vida e da própria identidade pessoal, tornando-se vital para a sobrevivência.

Na área da administração, os estudos que envolvem a relação entre sujeito, subjetividade e trabalho associam-se às áreas de gestão de pessoas e comportamento organizacional. Além disso, a constituição subjetiva, a produção do sujeito que conhece, trabalha e organiza, é elemento indispensável nos estudos das práticas de organização e, conseqüentemente, inerente à área de estudos organizacionais (Zimovski; Vasconcelos; Carrieri, 2022).

Nesses campos de estudo, buscam-se compreender o modo como a subjetividade é expressa pelo trabalhador através de seus pensamentos, condutas, motivações e ações no contexto de trabalho nas organizações. Outra possibilidade de análise reside na compreensão de como as organizações impactam no modo como o sujeito se relaciona com o trabalho e se constitui a partir das experiências e sentidos vivenciados em sua trajetória profissional.

Segundo Nardi, Tittoni e Bernardes (2011), subjetividade e trabalho constituem um campo de conhecimento que busca analisar o sujeito trabalhador, definido a partir das vivências e experiências adquiridas no mundo do trabalho. Nesse sentido, concebe-se o “sujeito” como sendo afetado pelas normas sociais e elementos culturais do contexto, estando inserido nas tramas que definem essas normas, o que se opõem à concepção de sujeito autônomo e livre associada à ideia de indivíduo.

Ao longo da história, a transformação das relações entre a subjetividade e o trabalho carregam as marcas do redimensionamento da função do trabalho como alicerce da coesão social (Nardi, 2006). Cada contexto de tempo e espaço em específico é permeado por diversas organizações e formas de trabalho que possuem diferentes regras e símbolos compartilhados socialmente, e que se modificam e se ampliam produzindo impactos no sujeito.

Desse modo, o trabalho atravessa as trajetórias como uma forma de constituir o sujeito. A relação que este desenvolve com o trabalho é marcada por forças e resistências que configuram modos de ser que se refletem em sua trajetória de vida.

Pensar na trajetória profissional de um sujeito é pensar na articulação e interação de aspectos sociais e pessoais, resgatar os caminhos percorridos durante sua vivência laboral, levando em consideração as inserções, as contradições, os movimentos e as exigências em diferentes contextos e momentos históricos. A compreensão da trajetória, bem como suas experiências, contribui para o entendimento das escolhas relacionadas ao âmbito social, econômico, afetivo e profissional do sujeito (Santos; Alvarenga; Alves, 2017).

Nesse sentido, para compreender a relação do sujeito com o trabalho, faz-se necessário não apenas uma análise da trajetória em específico, mas um olhar sobre aspectos que permeiam cada espaço organizacional que o sujeito passou ao longo da trajetória.

A luz desses conceitos, o presente estudo, baseado no tema subjetividade e trabalho, traz como problemática “Como a relação do sujeito com o trabalho configura modos de ser/existência a partir do resgate de sua trajetória de vida?”. Tem-se como objetivo geral, delimitou-se “Analisar como a relação do sujeito com o trabalho configura modos de ser/existência observando sua trajetória de vida”. Para o alcance desse, delimitou-se dois objetivos específicos do estudo, sendo: 1) Caracterizar o trabalho como atravessamento na trajetória constitutiva do sujeito; 2) Compreender como a trajetória de vida do sujeito reflete uma (re)construção a partir de suas vivências.

A discussão que permeia a análise aqui proposta, relaciona-se a trajetória de vida de um sujeito, que trabalha com a gestão de pousadas estudantis, próximo a duas instituições

federais de ensino localizadas no interior do município de Frederico Westphalen, noroeste do Rio Grande do Sul (RS).

O estudo pretende contribuir para a literatura acerca da relação entre o sujeito, subjetividade e trabalho, e a forma como essa relação atravessa a trajetória de vida compondo formas de ser e existir, constituindo um elemento de análise para compreender a relação entre o homem e o mundo do trabalho.

Conforme exposto por Sznelwar, Uchida e Lancan (2011), propor que se aborde o trabalhar a partir de como os sujeitos constroem e vivenciam o seu trabalho, é uma tentativa de enriquecer as diferentes representações sociais existentes sobre o trabalho humano.

O contato com o tema, bem como o interesse de pesquisa deu-se a partir da experiência de iniciação científica durante o percurso da graduação, com dois projetos de pesquisa desenvolvidos junto ao Instituto Federal Farroupilha (FFar) - Campus Frederico Westphalen, sendo: "O sujeito e o trabalho: interfaces entre a ética, as práticas de constituição de si e as organizações" - que tem como objetivo compreender como são constituídos modos de se relacionar com o trabalho na região de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, e "A hiperflexibilização do trabalho: vínculos frágeis e intensificação do trabalho representados pela 'uberização'", que objetiva investigar os efeitos das mudanças observadas nas relações de trabalho derivadas da flexibilização e das formas intermitentes de trabalho. A aproximação com essa linha de pesquisa, refletiu na compreensão da relevância do estudo sobre o tema e interesse no aprofundamento nas possibilidades de análise.

A partir das discussões e construções propostas ao longo dos momentos de estudo, emergiu-se o problema de pesquisa como interesse particular em analisar um contexto específico, na qual refere-se a sujeito imerso em uma forma de trabalho para além das esferas profissionais e formas de trabalho cristalizadas, normalmente encontradas na literatura. Além disso, a aproximação com o campo estabelecido também exprime a vivência da autora no contexto de estudo - pousada estudantil - e com o sujeito estudado, onde o contato com essa forma de trabalho incita a compreender, no cenário de estudos da administração, outros espaços que não os comuns na compreensão do homem com o trabalho.

## **A RELAÇÃO DO SUJEITO COM O TRABALHO COMO DIMENSÃO CONSTITUTIVA DO SUJEITO**

O conceito do sujeito evoca duas acepções antagônicas onde a língua exprime a complexidade do conceito, forjado em um longo processo histórico. Sujeito pode ser compreendido como aquele que faz, que pratica ações e também que é titular de direitos. Entretanto, o termo exprime também uma ideia praticamente oposta, de quem está obrigado, depende da vontade de outro, e ainda quem é escravo e quem está submetido. Tem-se, pois, duas significações evocando alternativamente a ideia de atividade e autonomia e a de submissão, escravidão e dependência (Plastino, 2005).

Historicamente, ao longo de um vasto movimento caracterizado pelo racionalismo

e o individualismo, o termo sujeito passa a designar o homem, imbuído da tarefa de dominar a natureza por meio de sua razão e de seu trabalho. Há, entretanto, uma ambiguidade nessa relação entre o homem e a natureza [...]. De um lado, como sujeito racional, ele é pensado como podendo ascender ao domínio total das leis que regem o real, tornando-se senhor deles e capaz de utilizar seu conhecimento para dominar a natureza. Do outro lado, sendo a realidade totalmente determinada, o homem é pensado como senhor de sua razão e de suas ações e através delas, dominador do mundo, e ao mesmo tempo, como dependente das determinações rigorosas que estruturam o real (Plastino, 2004, p. 17).

Admitindo essa complexidade, o ser humano é um sujeito social que existe e se constitui em uma relação intersubjetiva na qual o trabalho é elemento indissociável. No contexto das relações do trabalho, esse constrói, modifica e transforma sua identidade, em uma dinâmica que envolve aspectos de sua trajetória de vida e interação com os grupos sociais a que pertence. É com relação ao outro que ele se constrói, existe e pode ser reconhecido, sendo, portanto, essenciais as relações entre o coletivo dos trabalhadores (Szelwar; Uchida; Lancman, 2011).

Dejours (2004a) afirma que a atividade profissional não é só um modo de ganhar a vida, mas também uma inserção social em que os aspectos psíquicos e físicos estão fortemente implicados. Ao status social, ao exercício de tal atividade, associam-se uma roupa específica, um vocabulário particular e um lugar. Tais elementos também fazem parte importante do dia, da rotina e da vida do indivíduo. Essas diferentes relações do sujeito com o seu trabalho permeiam o seu desenvolvimento. O trabalho implica, do ponto de vista humano, o fato de trabalhar: gestos, saber-fazer, engajamento do corpo, mobilização da inteligência, capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações; é o poder de sentir, de pensar e de inventar (Dejours, 2004b).

Assim, o trabalho não é somente um modo material de subsistência, mas também um modo de existir subjetivamente. É o laço social fundamental, pois é modalidade indispensável de aprendizagem da vida em sociedade (Nardi, 2006). A especificidade de cada época determina a configuração social e sua estruturação, na qual se baseiam as manifestações individuais de cada sujeito. Ao trabalhar, o sujeito não só muda e cria a realidade fora dele, mas também constitui a si próprio. Por isso, a forma pela qual o trabalho se realiza em cada momento da história interfere diretamente na constituição de sujeitos desta época. Assim, a mudança do caráter do trabalho durante os diversos momentos da história é acompanhada pela mudança do campo da subjetividade (Santana, 2020).

Conforme Nardi, Tittoni e Bernardes (2011), pensar a subjetividade relacionada ao trabalho implica pensar os modos como as experiências do trabalho contribuem para formar modos de agir, pensar, sentir e trabalhar. Para os autores, o trabalho é considerado um espaço no qual se interseccionam dimensões da cultura, em que diferentes variantes sociais, como classe, gênero, raça e idade atravessam sua prática. O trabalho como vivência subjetiva admite múltiplas interações entre diferentes sujeitos em diferentes condições, evocando o entrelaçamento de diferentes elementos e modos de produzir e trabalhar.

O trabalhador, conforme Heller (2004), pertence a um corpo, o qual está apoderado pela direção produtiva materializada nas relações de trabalho. Segundo o autor, esse trabalhador dotado de subjetividade “é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico” (Heller, 2004, p. 20), pois, ao mesmo tempo que é sujeito do mundo, é sujeito no trabalho, na sua forma de pensar e de agir. Por mais que seja “o sujeito no trabalho”, ele não se desprende totalmente do seu meio social.

O trabalho no capitalismo contemporâneo, assume configurações como flexibilidade, temporalidade, precariedade, informalidade, produzindo alterações que se expressam no modo de ser dos trabalhadores (Coutinho; Krawulski; Soares, 2007). No contexto da pós-modernidade, o trabalho contemporâneo mantém-se como referência importante pela posição que a sociedade lhe destina no ordenamento moral e social, produzindo subjetividades, modos de trabalhar e de organizar a vida. A flexibilização é uma de suas principais características, e a precarização um de seus efeitos mais marcantes. Decorrente, principalmente, dos efeitos da globalização e das novas tecnologias da comunicação e da informação, a flexibilização do trabalho envolve uma série de estratégias implementadas a partir da reestruturação produtiva que visam alterar regulamentações do mercado de trabalho e de relações de trabalho (Andreazza, 2008).

Sob esse prisma, interessa compreender aspectos que venham a fundamentar as relações entre modos de trabalhar e de subjetivação, uma vez que se pressupõe modos de trabalhar como dispositivos de construção da maneira de ser e de viver. O trabalho é assumido então, não “como objeto da razão instrumental aplicada, mas como objeto de análise da situação do homem no fazer-se através do tempo” (Dal Rosso, 1996, p. 64). Assim, a subjetividade reflete uma relação constitutiva em que o trabalhador não é meramente passivo, adaptativo ou ‘engrenagem’ de uma maquinaria perfeitamente concebida para que seja um encaixe previsível, mas resulta da relação sujeito-trabalho a construção de vivências, experiências, aprendizagem e modos de existência que refletem as condições de realização do trabalho e de produção do próprio sujeito.

## **ORGANIZAÇÕES DE HOSPEDAGEM E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS DE HOSPEDAGEM ESTUDANTIL**

Para além da compreensão acerca do conceito de trabalho e da relação que este possui como dimensão constitutiva do sujeito, também se torna necessário analisar concepções sobre a forma de organização que é explorada no estudo, sendo organizações de hospedagem, especialmente organizações de hospedagem estudantil e os elementos que compreendem a gestão deste tipo de organização.

De modo geral, acerca das organizações de hospedagem no Brasil, conforme a Lei Nº 11.771, DE 17 DE SETEMBRO DE 2008,

Consideram-se meios de hospedagem os empreendimentos ou estabelecimentos, independentemente de sua forma de constituição, destinados a prestar serviços

de alojamento temporário, bem como outros serviços necessários aos usuários, denominados de serviços de hospedagem, mediante adoção de instrumento contratual, tácito ou expresso, e cobrança de diária (Brasil, 2008).

Por se caracterizar como uma indústria de bens e serviços, a principal finalidade de organizações desse setor é disponibilizar hospedagem, alimentação, segurança e/ou fatores relacionados à atividade do bem receber – a hospitalidade (Lopes, 2015).

Conforme Camargo (2015), existem alguns desafios no entendimento do significado teórico da hospitalidade, com relação a sua abrangência e o que se pode chamar de dupla dimensão – a do fato social e a do valor. Desse modo, o autor apresenta uma noção de hospitalidade entendida como uma relação humana em que acontece uma troca entre alguém que recebe (anfitrião) e alguém que é recebido (hóspede), cujo desenrolar pode redundar em apaziguamentos, sentimentos que vão desde a amizade, amor, calor humano (expressão de virtude) até algum nível de conflito, de agressividade, e de hostilidade.

Objetivamente, a gestão da hospitalidade compreende a supervisão de vários departamentos, que podem envolver desde recepção a manutenção de serviços aos hóspedes. Especificamente, com relação a estabelecimentos de hospedagem estudantil, sua origem é tão remota quanto a das primeiras universidades. As múltiplas formas pelas quais estes espaços de habitação coletiva foram concebidos e se organizam, em sua maioria informalmente, tornam difíceis uma leitura mais clara e precisa sobre este fenômeno (Hinterholz, 2017). Conceitualmente, existem três tipos básicos de moradia estudantil: residência estudantil, república estudantil e casa autônoma de estudantes.

As residências estudantis compreendem as moradias de propriedade das instituições de ensino e/ou das instituições de ensino públicas. As repúblicas estudantis são estabelecimentos locados coletivamente para fins de moradia estudantil administradas diretamente pelos estudantes. Por sua vez, as casas autônomas de estudantes são moradias administradas de forma autônoma, de propriedade privada, e sem vínculo com a administração de instituição de ensino, mas normalmente localizadas próximas a essas, construídas com o objetivo de hospedar estudantes, podendo ser encontradas informalmente pelas denominações de pousadas, pensão, e/ou pensionatos estudantis.

Assim, diferente da residência estudantil e da república, as casas autônomas (pousadas, pensão e/ou pensionatos) são administradas por um proprietário, que pode morar ou não no local. A literatura dispõe de uma escassa discussão acerca deste tipo de estabelecimento, limitando-se a estudos que se baseiam nas residências estudantis presentes no âmbito das universidades e de responsabilidade institucional, sendo mesmo essas pouco numerosas de acordo com as revisões de literatura desenvolvidas por Garrido e Mercuri (2013), Cerqueira (2018) e Maurell e Machado (2019).

Nesse sentido, encontra-se uma lacuna acerca das casas autônomas de estudantes, e de análises que abordam diferentes elementos, como aspectos culturais destes espaços enquanto lugar de formação e de troca de saberes, e suas formas de organização e de gestão.

## METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se, com relação à abordagem como um estudo qualitativo (Gil, 2022), quanto ao ponto de vista dos seus objetivos como um estudo exploratório (Vergara, 2016), e quanto aos procedimentos técnicos como um estudo etnográfico.

De acordo com Cavedon (2008), o método etnográfico consiste no levantamento de todos os dados possíveis sobre determinada comunidade, grupo ou elemento de análise específico, com a finalidade de compreender seu estilo de vida ou sua cultura. Esse método constitui uma estratégia de campo abrangente na medida em que o pesquisador pode combinar simultaneamente múltiplas e sobrepostas estratégias de coleta de dados a serem totalmente engajadas em experimentar (sentir ou vivenciar) o arranjo contextual (a participação), enquanto, ao mesmo tempo, observa o que está acontecendo (Patton, 2015).

Nesse sentido, justifica-se a escolha do método etnográfico tendo em vista que no contexto deste estudo há uma relação direta da pesquisadora com o campo investigado pela moradia em uma das pousadas gerenciadas pelo sujeito investigado 'Seu Toni', ao longo de aproximadamente 4 anos.

De acordo com Vieira e Pereira (2005), as principais técnicas de coleta de dados utilizados no método etnográfico, são a observação participante e as entrevistas em profundidade. Deste modo, optou-se nesse estudo pela observação participante e a realização de uma entrevista semiestruturada.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevista a partir de um roteiro semiestruturado. A coleta de dados a partir da observação participante foi composta pelo registro em diário de campo de elementos próprios do ambiente estudado, e como dá-se a relação do sujeito analisado com esse espaço, servindo de subsídio à análise de sua trajetória, apoiado na entrevista como elemento central, na qual emergem as categorias de análise.

A entrevista semiestruturada foi realizada conforme disponibilidade de tempo/espaço do entrevistado, realizada no âmbito da pousada 1, no ano de 2021, tendo sido gravada mediante sua autorização para posterior transcrição literal das narrativas do sujeito. O roteiro semiestruturado utilizado na entrevista é descrito no Quadro 1. As questões conferem um caráter geral, com o objetivo de garantir o livre curso da fala do entrevistado conforme este considerasse as informações relevantes acerca de sua trajetória de vida e relação com o trabalho.

Quadro 1 - Roteiro semiestruturado de entrevista

<b>Roteiro semiestruturado</b>
1- Você poderia relatar sua origem, onde cresceu e como teve contato inicial com o trabalho como parte da sua rotina de vida?
2- Quando a escolha de uma profissão passou a fazer parte de suas preocupações? Poderia relatar os espaços em que já trabalhou ao longo da sua trajetória?
3- Qual(is) lembrança (s) e significado (s) teve/tiveram para você esta(s) experiência (s) de trabalho?

<b>Roteiro semiestruturado</b>
4- Qual o impacto do trabalho hoje na sua vida em termos de tempo e dedicação exigida?
5- O que tornaria a sua experiência de trabalho melhor ou mais significativa?

Fonte: Elaborado pela autora.

A análise de dados foi realizada a partir da análise discursiva de enunciados, na qual visa-se apreender não só como uma mensagem é transmitida, mas também explorar seu sentido, o que implica considerar tanto o emissor quanto o destinatário da mensagem, bem como compreender o contexto na qual o discurso está inserido (Vergara, 2016).

Assim, o que se buscou foi mais além do discurso. Concentrou-se também na força rica e expressiva do contexto em que o material empírico foi coletado; não no sentido reducionista da ação do pesquisador como um arqueologista descobrindo dados encobertos por pessoas e fatos, mas no sentido de que a vida real, imperativa ela própria, é o assunto do qual a visão de mundo de cada um é feita, e no discurso isso se manifesta (Albendes-Moreira, 2002). Nesse sentido, “[...] a miragem de todo modo de ver decorre do fato de um modo de ver só ganhar sentido por um modo de dizer [...] a imagem toma o sentido de sua enunciação.” (Lavie, 2001, p. 8). Desse modo, ao longo do estudo, foram considerados a forma como as palavras e expressões foram apresentadas pelo sujeito, e como constituem significados e interpretações considerando o contexto analisado. Durante o processo de apresentação dos trechos transcritos são destacados fragmentos em negrito em meio a construção discursiva do sujeito-empresendedor entrevistado como forma de ressaltar os elementos específicos que compõem a análise durante sua construção.

Analisar o discurso implicou considerar tanto o emissor quanto o destinatário da mensagem, bem como compreender o contexto na qual o discurso está inserido (Vergara, 2016). Compreende-se, nesse sentido, o sujeito analisado como dono da pousada, e a pesquisadora moradora do local há quase 4 anos. Assim, sobrepõem-se os espaços de moradia e estudo, assim como a relação entre pesquisador/pesquisado se associam aos papéis de anfitrião/inquilino.

## **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **“ANTES EU ERA PEÃO”: TRAJETÓRIA DE VIDA E CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA INICIAL DE TRABALHO**

O sujeito analisado, aqui referido com o pseudônimo de “Seu Toni”, tinha 64 anos quando entrevistado (ano de 2021), sendo que se aposentou aos 54 anos como motorista contribuinte individual (autônomo) no exercício de 15 anos da profissão, somados ao período de trabalho como agricultor, atividade na qual iniciou sua trajetória profissional. Sua ocupação no período da pesquisa compreendia a propriedade e gestão de dois imóveis destinados

à hospedagem estudantil, próximos a duas instituições federais de ensino no interior do município de Frederico Westphalen, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

Conforme a categorização dos três tipos de organizações de hospedagem voltadas ao público estudantil já descritos - casa do estudante, república estudantil e casa autônoma -, os dois estabelecimentos gerenciados pelo sujeito enquadram-se na terceira categoria, de casa autônoma, sendo os imóveis de sua propriedade particular destinadas para a locação de estudantes. Na descrição do sujeito ao longo da entrevista, as terminologias utilizadas foram “pousada” e “pensão” para referir-se aos imóveis.

Dentre as duas estruturas, a pousada 1 foi construída especificamente com o propósito de locação estudantil, no ano de 2011, e a pousada 2 compreende a antiga casa do empreendedor, que a reformou para destinação à locação, no ano de 2019. Atualmente, seu Toni reside próximo a esses dois imóveis e divide a administração das atividades com sua esposa.

Com relação à entrevista, o primeiro questionamento versou sobre o relato da origem, onde cresceu e como teve contato inicial com o trabalho como parte da rotina de vida. A compreensão da origem representa um importante aspecto de sua trajetória, onde são apresentadas as primeiras influências nas construções de valores e o início da relação com o trabalho.

*No caso eu me criei aqui mesmo, [...] praticamente eu vivi a vida inteira aqui [em Frederico Westphalen-RS]. Quando eu comecei a tomar conta, assumir o serviço eu acho que tinha uns 16/17 anos, que foi quando começou, os mais velhos [irmãos] casaram e daí nós tivemos que tomar conta, tomar a frente, né? (Relato Toni, destaque da autora).*

Destaca-se, em um primeiro momento, uma influência do contexto familiar, pelo segmento das atividades exercidas no âmbito da família como ‘escolha’ para iniciar a relação com o trabalho.

Como ressalta Krom (2000), as influências que atravessam as gerações familiares atuam de forma significativa na vida dos sujeitos, onde mesmo antes de vir ao mundo, muitas expectativas dos familiares em relação a estes já estão formadas.

É no ambiente familiar que a criança vai se formando a partir das ideologias, valores e conceitos que vão sendo transmitidos de geração para geração, inclusive as concepções de trabalho, estudo e profissão (Filomeno, 1997; Soares, 2002). Ao incentivar certas atitudes e reprimir outras, a família pode interferir no processo de apreensão da realidade de seus filhos e assim, em parte, condicionar ou determinar a formação de seus interesses profissionais. A rede de relações com pais, avós, tios e primos que se forma em cada família, está presente nas diferentes escolhas que são feitas na vida (Soares, 2002).

Oliveira e Dias (2013) corroboram com essa percepção, ao afirmarem que nem sempre é possível compreender como a influência dos pais no desenvolvimento de carreira dos seus filhos acontece. Conforme os autores, tal influência se inicia na infância, em três níveis: diálogo, apoio emocional e material, e influência pelo exemplo.

No relato do sujeito, essa relação parece clara desde o início de sua trajetória como um movimento natural, de assumir as atividades da família, sendo um aspecto tradicional, a partir do apoio emocional e material e pela influência dos seus familiares. Com relação ao tipo de atividade, baseado na agricultura familiar, destaca

*Era na agricultura, desde lavrar a terra, plantar, fazer tudo, era pesado... até os 24 anos, aí eu casei e vim morar aqui em baixo onde eu nasci que era do finado pai, ele tinha essa terra aqui e comprou lá em cima [em uma comunidade próxima] e depois nós dividimos para mim e o meu irmão, meu irmão vendeu a parte dele e eu fiquei com a minha aqui... Daí comecei a plantar, no começo era milho e soja e daí plantava as miudezas pra comer: arroz, feijão, tudo o que era de comer, e depois comecei a plantar fumo [...]. Daí comecei a plantar fumo e comecei a puxar leite [Motorista/freteiro] eu fazia os dois serviços numa vez só, ao mesmo tempo eu puxava leite e vinha embora e plantava fumo (Relato Toni, destaque da autora).*

Esse vínculo, representado pela herança de um lote de terra, teve segmento na continuidade das atividades realizadas e da forma de organização do trabalho como aprendido no âmbito da família na atividade agrícola.

Apresenta-se aqui a noção de reprodução social na agricultura familiar dimensionando a sucessão enquanto um processo inserido na reprodução social, conforme discutido por Spanevello (2008). De acordo com a autora, a ideia construída em torno da noção de reprodução social tem como “pano de fundo” a perspectiva da continuidade dos indivíduos e/ou grupos sociais. A noção de reprodução social envolve, por um lado, as dimensões da produção de bens materiais e, por outro, a organização social dessa produção através do trabalho (Spanevello, 2008).

A reprodução social na agricultura familiar depende da sucessão por um dos herdeiros da família, que, desde a infância são socializados no trabalho, compartilhando de um conjunto específico de saberes e práticas transmitidos de geração a geração (Coradini, 2015).

A segunda forma de trabalho assumida, como motorista, surge como necessidade de complemento de renda. Esse aspecto sugere uma relação com o trabalho pela necessidade de manutenção das condições de vida da família, tendo ainda, se iniciado por intermédio de familiares, conforme explica

*No caso foram os meus cunhados, eram eles que tinham os caminhões. Eles precisavam de peão, aí eles me fizeram uma proposta, ‘tu quer vir trabalhar com nós? tu ganha um salário e tu pode continuar trabalhando na lavoura...’ eu tinha pouca terra mesmo pra plantar porque eu plantava milho quando eu plantava a nossa terra e plantava terra por fora, eu no caso arrendar direto eu não arrendava, mas eu plantava soja e feijão no meio do milho dos outros, plantei uns quantos anos soja e feijão preto no meio do milho, eles plantavam o milho, e eu plantava.. porque esses anos atrás se plantava soja e feijão no meio do milho, aí eu plantava junto... daí eles disseram ‘vem trabalhar com nós’ e eu fui, comecei a trabalhar a cada dois dias (Relato Toni, destaque da autora).*

Assim, o modo como o sujeito destaca sua relação com o campo explicita que o trabalho fora duro, exigia esforço para além da propriedade e, nesse sentido, a necessidade de obtenção

de renda justifica a opção por 'ser peão' como busca por melhor condição material de vida, o que demandou reorganização pessoal e das demais atividades realizadas na lavoura.

Ao enunciar 'ser peão' a construção discursiva desse sujeito ressalta um vínculo de dependência ou de responsabilidade sob a autoridade de um terceiro, mesmo que da própria família. Tal relação, como destaca Nardi (2006), reflete a separação do trabalho como resultado da ação humana da posse dos meios de produção. Nesse caso, 'ser peão' representa ser parte de um negócio no qual os cunhados empregam sua capacidade de trabalho para realizar o transporte de leite das propriedades rurais até empresas de beneficiamento de laticínios na região. Diferente da relação com a propriedade rural, há condições que especificam o modo como o trabalho deve ser feito, o horário de trabalho, a configuração de uma rotina que é independente da ação direta do sujeito-trabalhador que até então organizava o próprio trabalho no campo.

Portanto, 'ser peão' é ceder ao trabalho de acordo com condições que vinculam este sujeito como 'peça mais vulnerável' em um jogo em que há diferentes níveis de autoridade, mobilidade e posições estratégicas para tomada de decisão e para configuração de influência no resultado material pretendido. Com a intensificação da atividade a partir do aumento da carga horária, a dedicação passou a ser exclusiva para essa atividade.

*Eu saía de madrugada e chegava em casa lá pelas 10:30/11:00 horas, aí naquele dia de manhã eu não fazia nada. Daí eu trabalhava um dia e meio na lavoura, aí depois aumentou o serviço pra eles e eu comecei a trabalhar todo dia. Daí uns dias eu vinha e ainda chegava cedo, aí eu trabalhava igual na lavoura, eu puxava leite de madrugada e vinha embora e ia pra lavoura. [...] eu segui trabalhando, daí quando os dois cunhados meus casaram eles me entregaram o caminhão pra mim, aí eu parei de plantar na lavoura e comecei só a puxar leite. Antes, no caso, eu puxava leite e plantava fumo, depois uma época nós deixamos de plantar fumo e colocamos umas vacas de leite, ficava mais fácil, porque o fumo tirava muito tempo, daí eu puxava leite e cuidava as vacas, e ainda cuidava a lavoura. E aí quando eles casaram, primeiro o mais velho casou e ficou só o mais novo, eu fiquei trabalhando com eles e veio o caminhão tanque, daí diminuiu os peões e eles ficaram só com dois, ficou eu numa linha e outro primo deles em outra linha. Depois o mais novo casou também, pegou o caminhão e foi viajar na estrada, então eu assumi um caminhão deles, aí eu trabalhava de motorista todo dia [...] eu fazia uma linha em um dia, no outro dia eu fazia a outra. Eu saía de casa meia noite/uma hora da madrugada e chegava em casa onze horas da manhã, todos dias, **tinha dia que eu chegava meio dia passado, porque eu fazia duas viagens por linha, por dia [...] então abandonei a lavoura, não tinha mais condição** (Relato Toni, destaque da autora)... (Relato Toni, destaque da autora).*

É possível observar, de forma objetiva, uma relação com o trabalho que é permeada por elementos simbólicos da divisão do trabalho e da cisão entre o tempo e os recursos do trabalhador e a posse e organização do trabalho por proprietários de capital e de recursos que definem regras e condições de trabalho.

A permanência nesse espaço exigiu assim o abandono das atividades agrícolas, passando a se dedicar integralmente à função de peão, como motorista. Nesse período, essa forma

de trabalho que surgiu em sua trajetória como um meio de complemento de renda passa a ser a composição principal de sua subsistência e da família. O sujeito, nesse espaço, compreendia uma relação de sujeição ao trabalho, adaptação as condições de trabalho associadas a expectativa material a ele associada que exigia empenho e dedicação extremada a atividade de motorista.

Tendo trabalhado por anos sob essa condição, uma transformação desse vínculo ocorreu a partir de uma mudança parte dos donos do caminhão, com o deslocamento para outro estado, conforme relata

*Eu fiquei trabalhando anos de peão com eles, depois eu comprei o caminhão e a linha deles [...] eles fizeram a proposta, ou eu comprava a linha e o caminhão deles ou ia trabalhar com eles no Mato Grosso, que eles estão lá em Cuiabá, eles tem hotel tem um monte de coisa lá, daí ou eu ficava com a linha e o caminhão se não nós ia lá em cima com eles, e... a mulher também não quis sair daqui, daí eu comprei a linha e o caminhão e trabalhei mais uns 10 anos com o caminhão meu, **daí antes eu era peão, depois fiquei patrão...***  
(Relato Toni, destaque da autora).

Nesse momento, surge uma nova identificação com o trabalho, como dono do caminhão, sendo que os conceitos de peão e patrão são destacados em sua fala como um divisor em sua trajetória. Essa transição, assim os demais elementos em sua trajetória de trabalho, aconteceram impulsionada, sobretudo, por estímulos externos, desde o contexto de origem, o incentivo da família em seguir com as atividades na agricultura, a oferta de trabalho de um cunhado que o levou a sua ocupação como peão, e por fim, a oportunidade de comprar o caminhão desse e tornar-se “patrão”, passando a ser dono do meio de produção.

A motivação interna do sujeito com relação a sua trajetória se mostrou mais perceptível com a tomada de decisão de não se deslocar do estado de sua origem. Assim, manifestou-se o desejo de não se desvincular da terra herdada de seu pai e de não se afastar de familiares, seus e de sua esposa, que viviam próximos nesse contexto de origem. Assim, mesmo que os principais estímulos em sua trajetória pareçam ter sido por impulsos externos, o sujeito mostra-se ativo sobre os desejos próprios a ele para sua trajetória de vida. A subjetividade, neste momento, revela outra interface, não mais apenas como submissão, mas como exercício de liberdade de escolha, articulação com a dimensão afetiva familiar e reconhecimento de outro lugar de realização do trabalho, agora como responsável pela sua gestão.

#### **“DEPOIS FIQUEI PATRÃO”: TRANSIÇÃO PARA A IDENTIDADE DE EMPREENDEDOR E OS SENTIDOS DESSA EXPERIÊNCIA**

A identificação como “patrão” sugere o reconhecimento sobre uma nova fase em sua trajetória, de autonomia, estabelecimento financeiro, e de novos desafios. O trabalho com patrão, nesse período, se inicia apoiada sob todo tempo de experiência exercido como peão no ramo, já tendo aprendido a forma de organização dessa atividade, e tendo adquirido, além do caminhão, toda a linha de produtores que este já atendia desde o período inicial

trabalhando como peão. A realização do transporte do produto agropecuário funcionava sob a relação direta do 'dono da linha' e pela confiança na intermediação entre os produtores e a indústria de beneficiamento desse produto.

Ademais, nesse mesmo momento, além da compra do caminhão do seu cunhado, também surge a ideia de buscar uma segunda fonte de renda. Novamente, o fator de complemento de renda se mostra como um imperativo para o entrelaçamento a outras formas de atividade profissional, assim como o estímulo de familiares se mostra mais uma vez como sugestão em sua trajetória. Desta vez, na construção de uma pousada para estudantes

*[...] daí ele mesmo me deu a ideia de fazer uma pousada, esse meu cunhado. Ele tinha me emprestado um dinheiro para fazer uma cirurgia da coluna naquela vez, e eu não queria, e disse pra ele, e ele 'não, não, eu vou te mandar o dinheiro' aí ele veio passear uma vez e mandou, naquela época foi 15 mil, pra mim fazer a cirurgia, isso vai fazer já uns 20 e tantos anos atrás, e eu disse 'eu não vou fazer a cirurgia', aí ele me mandou o dinheiro mesmo assim, eu disse 'vou te mandar de volta o dinheiro', então ele falou 'não, pega o dinheiro que eu te mandei e começa uma pousada pra botar alunos, que daí tu vai fazer o teu pé de meia... daí eu resolvi tomar uma iniciativa, aí eu fiz primeiro o andar de cima e deixei a parte de baixo livre, não tinha nada só as colunas ao redor e as vigas... (Relato Toni, destaque da autora).*

Iniciar a construção da pousada 1, representado pela constituição de "um pé de meia", representa uma forma de manter-se em ocupação, ao mesmo tempo gerar renda e estabelecer certa reserva/segurança financeira. Cabe destaque que, a partir da observação e interação com o campo, há o reconhecimento de uma condição favorável a essa possibilidade de empreender, tendo em vista o fluxo constante de estudantes vinculados a uma universidade federal e um instituto federal de educação nas imediações da propriedade de Toni. A construção realizada em etapas destaca um posicionamento de cautela na transição de um espaço de trabalho que possuía experiência, para outra atividade com novos desafios e demandas

*E daí eu fiz a parte de cima no primeiro ano, deu certo, daí começou, eu vi que ia dar certo com a piazzada, daí fiz a parte de baixo e quando eu terminei, aprontei e aluguei tudo... daí eu tava querendo vender o caminhão, porque daí eu tinha um pé de meia pra mim viver, porque se não só no caminhão eu tinha que continuar até hoje trabalhando, que nem está trabalhado os peão (Relato Toni, destaque da autora).*

O desprendimento com a atividade de 'freteiro' (ou transportador de carga) parece representar uma maneira de atenuar a rotina diária intensa de trabalho. A partir da afirmação que teve com a locação da pousada 1, tendo dado certo, e do estabelecimento financeiro que está lhe propiciou, este construiu uma casa nova, transformando a sua antiga casa também em um estabelecimento para locação de estudantes.

Em relação às principais lembranças e significados, como parte de sua relação com o trabalho, destaca uma relação de proximidade e construção de vínculos afetivos no meio de trabalho carregados para a dimensão pessoal

*No caso, primeiro foi quando eu puxava leite, porque foi feito bastante amizades, que nem ali, era uma turma de freiteiros, e queira ou não queira o cara faz uma amizade que até hoje o cara se encontra... e pra variar eu não me desliguei em tudo daquela puxa de leite até hoje (risos) eu ainda sou presidente da cooperativa (risos) [...] porque o contador lá, eles não confiam em ninguém dos outros freiteiros, e eu como eles já me conhecem, sabem como que é, daí ainda estou lá, pretendo agora no próximo ano que tiver eleição sair fora, porque pra mim é um incômodo, eu tenho que estar lá assinando cheque, eu tenho que estar correndo [...] então, na verdade eu me desliguei do trabalho em si, mas o cara fica com todos os amigos.... (Relato Toni, destaque da autora).*

O trabalho, nesse sentido, se apresenta como uma fonte de construção de vínculos, reconhecimento sociais e de amizades. A manifestação, nessa fala, destaca uma satisfação pela valorização social dessa identidade como trabalhador honesto, ao mesmo tempo que sugere uma busca por desassociar-se dessa função, pela demanda de tempo e responsabilidade que esta lhe requer. Vínculos construídos com os produtores, com outros transportadores no mesmo setor, como representante da categoria na cooperativa reafirmam esse reconhecimento e identificação construída pelas relações múltiplas derivadas destas experiências. Essa ligação ainda se destaca, mesmo com os desafios vivenciados sobre os rendimentos financeiros com atividade, o que argumenta como reforço para a desvinculação com essa forma de trabalho.

*[...] que nem ali, no puxar leite eu fiz muita amizade, e no caso foi uma época que eu fazia dinheiro, eu comprei bastante coisas com o frete do leite, eu faturava mais que bem naquela época, eu tinha dois caminhões e era fora do sério, só que durou pouco, durou 8 ou 9 meses aquele frete bom, depois desabou meu frete, entrou duas firmas ali e começou a tirar os produtores, e daí virou em nada... (Relato Toni, destaque da autora).*

O ponto da narrativa, destacando um ponto limite da trajetória de motorista/'freiteiro' de forma direta, marca a transição para um trabalho com menor desgaste, menos intenso, mas, ainda assim, marcado pela proximidade e afetividade oriundas das relações sociais construídas pelo trabalho. Outro fator demarcado foi a construção de vínculos com os alunos que se hospedam nas pousadas.

*E no caso que nem agora, outra coisa que também me marcou bastante foi aqui na pousada com a piazzada, com vocês, queira ou não queira a gente faz bastante amizade [...] (Relato Toni, destaque da autora).*

A relação construída com o trabalho perpassa as delimitações do contrato de locação assinado entre as partes, criando uma percepção de responsabilidade com os estudantes moradores, na qual, emerge uma terceira categoria, para além de peão e patrão, na qual se identifica com a identidade de "Pai Toni", esta, que usa com frequência no cotidiano para referir-se a si mesmo com os estudantes.

O trabalho que desempenha nas pousadas compreende a manutenção das instalações, do pátio, o cultivo da horta e recolhimento do lixo orgânico, realizando as atividades diariamente. Além disso, o encontro com os estudantes ao longo do desenvolvimento dessas atividades acompanha diálogos frequentes.

A visualização do termo 'pai' faz menção ao suporte dado por este aos moradores, para atividades cotidianas dos estudantes, como acompanhar a consultas médicas, compras, pegar ônibus na rodoviária e até mesmo no auxílio em atividades práticas da universidade. Esse diálogo que acompanha o tempo de serviço realizado nas instalações compreende uma relação de troca e atualizações com cada um dos estudantes, sobre o andamento do curso, e preocupações sobre saúde, família e alimentação. Essa relação de proximidade se estende posterior à moradia nas pensões, mantendo o vínculo com os estudantes e suas famílias mesmo quando esses se mudam.

*e daí no caso com a piazzada que passou aqui eu tenho gente que eu considero até hoje como meus filhos, mesma coisa que nem vocês, eu, pra mim é mesma coisa que nem vocês fossem nossas filhas, eu estava falando até, como eu comentei, a primeira filha que nós tivemos foi uma menina e ela faleceu, nós perdemos ela, daí no caso depois tivemos os dois guris, mas primeiro foi uma menina, por isso a gente tem mais proximidade até com vocês meninas porque pra nós vocês são como se fossem nossas filhas [...] "Agora temos bastante filhas (Relato Toni, destaque da autora).*

Esse vínculo com os alunos indica uma sobreposição entre trabalho e vida pessoal, na qual as fronteiras perpassam a relação contratual de aluguel. Em relação ao tempo dedicado ao trabalho, destaca novamente uma percepção de responsabilidade, e de dedicação integral com as demandas dos alunos, ao mesmo tempo que expressa uma identificação com as atividades realizadas

*Que nem ali, pra mim é uma coisa que está bom igual, porque eu não posso ficar parado nem igual, então eu faço meu servicinho ao redor de casa e eu tenho compromisso com vocês, que queira ou não queria a gente assume um compromisso, não adianta, teu pai e tua mãe te deixaram aqui e não vão vir aqui toda hora... então eu estou aqui pra esse fim, já fico aqui, não assumo mais nada para não comprometer as coisas que tenho que fazer ... (Relato Toni, destaque da autora).*

No tocante ao que tornaria a experiência de trabalho mais significativa, seu Toni destacou na sua experiência anterior como 'freteiro', a falta de valorização da atividade profissional e de espaço de diálogo com a organização, o que manifesta uma necessidade de percepção da importância das suas atividades no contexto em que realiza

*Que nem ali no leite, no começo era um serviço que valia a pena, depois começou a ficar complicado, porque eles começaram a judiar, até hoje estão judiando com os freteiros, eles não valorizaram mais o freteiro, então não teve, que nem eu quando deu no jeito de sair fora eu saí. Teve uma temporada que foi uma maravilha trabalhar, e depois eles começaram a complicar, eles estavam praticamente controlando a nossa vida, a gente tem a obrigação e tudo, eles fizeram a gente fazer cada dois/três meses tinha que preencher uma planilha de todas as nossas despesas, do caminhão, pra que? (Relato Toni, destaque da autora).*

Aqui a relação com o tempo dedicado ao trabalho fora da propriedade rural e as exigências do trabalho sob uma lógica burocrática e intensificada modifica a relação inicial construída com esta forma de trabalho. Diferente da relação inicial, em que o vínculo familiar e a

compatibilidade entre as atividades do campo e o trabalho como ‘freteiro’ eram possíveis vê-se um ‘sequestro’ da subjetividade em nome da produtividade articulada pelas empresas de comercialização de laticínios. O controle do tempo, das condições de trabalho, da forma como trabalho deve ser realizado e a própria gestão material dos recursos terceirizados passam a exigir, gradativamente são aperfeiçoados como mecanismo de submissão e de redução de custos operacionais que implicam a perda de rentabilidade e, de forma mais destacada, a precarização das condições de trabalho.

*Aí eles sabiam quanto eu estava faturando porque era eles que me davam o dinheiro, e daí eu botava o quanto estava gastando eles sabiam quanto eu estava sobrando limpo, daí simplesmente eles sabiam o quanto podiam ‘comer’ mais do nosso frete. Eles foram sugando, sugando nosso frete [...] pra variar, uma vez eles recebiam de 15 em 15 dias o frete, o leite nem chegava na tua casa e tu já recebia o frete, tu recebia de 15 em 15 dias, aí eles começaram pagar só uma vez, cada 30 dias, isso ainda foi no meu tempo, quando eu sai eles jogaram para 45 dias, ‘comeram’ mais 15 dias do freteiros, aí foram pra 60 dias, e hoje eles puxam o leite e leva 90 dias pra receber o frete, daí tem os freteiros que não estão conseguindo dar o giro [...] Eles estão pegando dinheiro do banco, pagando juros pra pegar o dinheiro e pagar as contas. Ai que nem a firma, eles não querem nem saber, isso aí é multinacional eles não tão preocupados, eles simplesmente estão mandando ordem, não sabem como é que é a ponta, de onde vem o leite. Então ficou complicado pra fazer isso...*

Nota-se no relato do Seu Toni que a lógica de autoconstrução de uma condição de trabalho que favoreça o ganho econômico é passível de análise crítica, uma vez que não se trata de um exercício simples assumir as mesmas práticas organizacionais realizadas pelas grandes empresas. A menção a termos como ‘isso aí é multinacional’ e ‘eles estão pegando dinheiro no banco, pagando juros [...]’ reflete um comportamento que contrasta o poder econômico de grandes empresas com capacidade de financiamento e manutenção financeira de longo prazo com prestadores de serviços que recebem de forma calculada em detalhes o tempo dedicado ao trabalho realizado, mas desconsidera a necessidade de manutenção das ferramentas (neste caso, o caminhão) que utilizam e o tempo decorrente entre as prestação de serviço e o pagamento.

O financiamento da atividade, como destacado, se torna tão custoso a ponto de se tornar um fator de endividamento que pode levar estes empreendedores a serem compatibilizados como trabalhadores precarizados (Antunes, 2009).

*Às vezes eles tiravam do sério, resolviam baixar o frete para dar uma mão para os colonos e tiravam de nós freteiros para dar para o colono ‘a, porque o pequeno a gente não pode perder’ mas daí o freteiro que se lasque?! mas que nem assim, pelo menos antes a gente discutia, né, colocava os nossos problemas, depois daí trocou de firma, ainda nós conseguia negociar no início, vinham os representantes a gente negociava e debatia, e nós ameaçava de fazer greve e tudo, aí dava, só que simplesmente agora é tudo ditado, eles te mandam ‘ó vai ser assim, assim e assim, vai ser tanto por quilômetro, vai ser...’ porque agora também mudou, no caso que nem a firma que nós trabalhava acho que é poucas que estão nesse ritmo, eles estão pagando por quilômetro rodado agora, eles não estão pagando por volume, antes era por volume de leite que tu recolhia, e também, no começo era por quilômetro rodado e valia, tu tem o caminhão na garagem aqui eu saia daqui e ia lá em Caiçara começar a rota eu ganhava esse trecho de ida e volta, e*

*depois foi um tempo ali que eu estava levando para Chapada, ele contava da hora que tu tinha chegado na rota, e depois, não sei em que ponto da rota, daí acaba tua rota, tu fazia um monte de quilômetro de verdade, mas daí tu não está carregando o caminhão nas costas, tu tá gastando... e daí agora estão levando pra Três de Maio, mais longe ainda, por enquanto eles estão pagando o frete cheio, até quando eu não sei, diz que agora quem está puxando pra lá eles estão tirando um dinheiro bom, mas faz nem 30 dias que eles estão puxando pra lá, daqui a pouco eles já começam a morder a linha e acaba virando em nada de novo... (Relato Toni, destaque da autora).*

O relato anterior reflete uma mudança que ressalta os traços indicados em trechos anteriores. É significativo para a trajetória de vida e trabalho de Seu Toni experimentar uma gradativa desconstrução de um espaço de trabalho que era complementar às atividades no campo.

De um momento em que se torna a principal atividade de trabalho, uma iniciativa empreendedora (ao menos em sua concepção de propriedade de meios de produção e planejamento individual do trabalho) e chega a um ponto em que o vínculo de trabalho que se configura frágil, exige elevado custo financeiro para ser realizado e representa um comprometimento que desfez a relação inicial com o trabalho.

Assim, um novo atravessamento na trajetória de Seu Toni, reconhece na propriedade em que vive uma forma de trabalho que se associa com a mudança do contexto social a sua volta: a instalação de um pensionado como iniciativa empreendedora estabelecida junto à propriedade rural de sua família.

Com a instalação de duas instituições de ensino públicas próximas de sua casa (Campus da Universidade Federal de Santa Maria, oriunda do Colégio Agrícola de Frederico Westphalen, instituição ali instalada desde a década de 1950; e Campus do Instituto Federal Farroupilha, instalado oficialmente a partir de 2016) cresceu a busca habitacões próximas em decorrência da distância com a cidade (em torno de 9 quilômetros). Estudantes de diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul e de outros estados do Brasil passam a procurar espaços para permanecerem próximos destas instituições, considerando a comodidade e o custo de viagens e deslocamentos diários.

Novamente aqui também se destaca a relação familiar que estimula Seu Toni a partir desta mudança no contexto do trabalho como 'freteiro' e também em função do cuidado com a saúde

*E aqui na pensão, aqui o bom seria construir mais uma (risos) porque que nem ali, no começo o cara pega uma situação difícil, que nem eu falei no começo, eu fiz a parte de cima e não sabia o que eu ia fazer na parte de baixo, a minha ideia era fazer um mercado, que nem eu te comentei esses dias, só que daí eu não sabia se eu ia conseguir trabalhar com vocês, se eu tinha ter jeito pra lidar com vocês, e no caso, por enquanto pelo que eu pude perceber está indo bem, então no caso foi uma coisa que eu aprendi e eu gosto de fazer, uma coisa que eu gosto de fazer porque na verdade eu sempre trabalhei com povo, desde no leite.. é você quem tem que trabalhar de frente com o produtor, não é a firma não é ninguém é eu de cara com o produtor, e aqui a mesma coisa, aqui é eu que estou lidando com vocês, e eu acho que estou conseguindo... as vezes tem alguma coisa que o cara não fica contente, mas o cara tem que relevar, porque 'temos 5 dedos na mãos e nenhum é igual, né?' só que vale a pena, porque tem muita gente que deixa a gente com*

*saudade quando sai... Então com a piazzada aqui, com vocês aqui tem os probleminhas, mas tem as diversão, tu faz as amizades, eu achei que não fiz a coisa errada, não fiz a escolha errada... (Relato Toni, destaque da autora).*

“Trabalhar com o povo” como uma das atribuições em sua atividade profissional destaca novamente a importância do contato e construção de vínculos como um dos elementos que se identifica e valoriza no contexto do trabalho. Ressalta-se o reconhecimento do espaço como uma dimensão de trabalho que vincula responsabilidade e afetividade, associando a responsabilidade individual com a possibilidade de ‘pegar uma situação’ sob seu modo de pensar a organização das atividades.

Ademais, as transformações no mundo do trabalho implicam nessa relação, como destacou em sua fala referente às mudanças na relação com a empresa enquanto ‘freiteiro’ e a precarização dessa forma de trabalho. Como elementos do cenário social, também destacou acerca do período de 2020/2021 com os impactos da pandemia de Covid-19, conforme menciona:

*Na verdade o pessoal está pagando (pagando um valor relativo a parte do aluguel como reserva de vaga na moradia), mas tá ficando assim, tá complicado... ainda que agora entrou mais um piá lá em baixo na casa, daí veio uma menina aqui também, e dois guris pegaram a kitnet na pensão 2, aí aumentou mais uma beirada ali, aí estou conseguindo, vai sobrar um pouquinho, porque na verdade daqui 3 meses eu tenho mais uma prestação pesada do poço artesiano, porque eu fiz pousada e não parei de investir, porque não adianta, eu tenho que dar o conforto pra vocês e com segurança tudo... a turma que entrou no começo sofreu com a água, se eu não tivesse feito meu poço até hoje estava sofrendo com água, porque a água da rua está sempre com problemas, aí eu resolvi investir e fiz um poço artesiano, 34 mil pra fazer, daí eu tenho água pra vocês, pra mim, uma água boa, mas agora tem que pagar (Relato Toni, destaque da autora).*

Voltando-se para a dimensão financeira, a partir da estabilização do lucro com as pousadas como sua fonte de renda principal, como já mencionado, Seu Toni se desvincula da atividade de ‘freiteiro’ com o caminhão. Nesse momento, se reproduz a ideia de dar segmento à atividade no âmbito familiar, com o desejo de passar as atividades para os filhos.

Seus dois filhos homens apresentaram resistência inicialmente, pela percepção de ser uma atividade “muito sofrida”, no entanto, um deles assumiu o caminhão dando segmento a mesma atividade do pai.

*Daí eu tinha resolvido vender o caminhão, porque nenhum dos meus filhos queria trabalhar puxar leite, naquela época a primeira vez que eu falei em vender, o mais velho disse ‘a eu não vou puxar leite’ ele tinha trabalhado uma época comigo... e ele disse que não ia trabalhar puxando leite. Daí eu disse, vou botar a venda... aí ele se interessou... e começou a trabalhar comigo antes de eu parar, e depois quando eu fiz a parte de cima e vi que ia dar certo, eu disse pra eles, ou vocês vão assumir senão eu vendo. Não, nós ficamos com o caminhão e a linha do pai’ daí eles assumiram os dois, e daí o dia que eu me aposentei eu fiz no domingo a última viagem com o piá, ensinando a linha pra ele, na segunda feira eu recebi a ligação que eu tinha me aposentado, daí eu parei e só trabalhei na pousada. Daí a tendência foi ficar nisso aqui, né, não é dinheiro grande, porque tem despesa, tem correria, tem dor de cabeça, mas pelo menos eu tenho um pé de*

*meia* (Relato Toni, destaque da autora).

A passagem das atividades para os filhos sugere uma continuidade no trabalho construído ao longo de sua trajetória, sob a mesma lógica de influência na qual teve no início de sua relação com o trabalho. Se mantém os vínculos familiares, a proximidade com a propriedade rural de origem da família e os vínculos afetivos, tanto em relação à própria família quanto à justificativa para a realização das atividades que passa a desenvolver como 'patrão' da pensão.

Compreende-se a trajetória aqui analisada como uma construção inacabada, aberta e mutável, em constante movimento. O sujeito, que atua no ambiente e se constitui nele é capaz de construir, desconstruir e reconstruir sua identidade constantemente. Além disso, o trabalho enquanto um atravessamento em sua trajetória mostrou-se diferente da simplificação trazida pelo viés econômico como única resposta ao sentido do trabalho.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer desse estudo, objetivou-se analisar como a relação do sujeito "seu Toni" com o trabalho configura modos de ser/existência observando sua trajetória de vida. Como intentos específicos, buscou-se caracterizar o trabalho como atravessamento na trajetória constitutiva do sujeito, e compreender como a trajetória de vida do sujeito reflete uma (re) construção a partir de suas vivências.

Aspectos relativos ao modo particular como o sujeito relaciona-se com o trabalho emergiram com frequência em sua narrativa, expressando a centralidade do trabalho na trajetória de vida e constituição de si.

Acerca da trajetória inicial e a constituição da identidade de peão, Seu Toni teve a influência da família e de seu contexto de origem desde o início de sua relação com o trabalho, quando ainda jovem. Todos os espaços de trabalho pelo qual este percorreu deram-se por intermédio de familiares, onde o trabalho assumiu aspecto de centralidade em sua vida.

Sobre a constituição do sujeito patrão, esta também foi impulsionada por uma ação externa, onde a oportunidade de comprar o caminhão se deu por uma mudança de seu antigo chefe. Empreender com as pousadas estudantis deu-se, inicialmente como uma forma de construir um "pé de meia", e posteriormente passaram ser sua principal fonte de renda e de dedicação, onde as atividades que realiza demonstram uma interposição entre a gestão e relação próxima com os alunos, sendo o trabalho uma forma de dar sentido a sua rotina, de construção de vínculos, e interação no contexto social. Nesse contexto, para além de peão e patrão, ele apresenta um terceiro conceito, o de "Pai Toni", termo utilizado pelo próprio, com referência a responsabilidade que este indica sobre os alunos hospedados nas pousadas, uma relação que vai além da relação contratual estabelecida pelo contrato de locação.

A pesquisa enfatizou os processos de construção de sentidos sobre o trabalho na trajetória de vida, na qual não podem ser experimentalmente medidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência. Trata-se de uma construção particular, que é afetada por elementos do contexto e percepções particulares na qual elementos do ambiente assumem diferentes formas em sua trajetória, e contribuíram para a sua constituição.

Como limitações do estudo, menciona-se que a pesquisa etnográfica possui mais possibilidades de análise no contexto investigado, na qual não foram explorados em profundidade, tendo se baseado na entrevista semiestruturada como elemento central, e que poderiam ser expandidos para maior compreensão e caracterização do contexto em que o sujeito está inserido e sua cultura.

Ademais, espera-se que esta pesquisa possa incentivar outros estudos na área contemplando a temática. Nesse sentido, apresenta-se como sugestão para pesquisas futuras a investigação de outros sujeitos, atrelados a outras formas de trabalho em outros contextos, visando compreender o modo como o trabalho compreende um elemento de constituição do sujeito, e como cada um destes vivencia e cria sentidos sobre essa experiência ao longo da trajetória de vida.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ALBANDES-MOREIRA, L. A. *An exploratory study on the nature of the representations of organization, manager and management within a group of teachers of a business school*. 2002. Tese (Doutorado em Administração) – École des Hautes Études Commerciales (HEC), Montreal, 2002.

ANDREAZZA, J. Q. *O trabalho contemporâneo e os efeitos da flexibilização no trabalho do setor administrativo*. 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BERTANI, Í. F.; BARRETTO, S. A. P. As transformações no mundo do trabalho e as consequências na subjetividade dos indivíduos. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p. 203–207, jan. 2004.

BRASIL. Lei nº 11.771, de 17 de setembro de 2008. Dispõe sobre a Política Nacional de Turismo e define as atribuições do Governo Federal no planejamento, desenvolvimento e estímulo ao setor turístico. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 17 set. 2008.

CAMARGO, L. O. L. Os interstícios da hospitalidade. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, v. 12, n. especial, p. 42–69, maio 2015.

CAVEDON, N. R. *Antropologia para administradores*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

- CERQUEIRA, M. V. S. *Moradias estudantis: a luta pela permanência na universidade*. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- CORADINI, L. Os jovens agricultores familiares e a reprodução geracional na agricultura familiar: estudo de caso dos jovens residentes no município de Faxinal do Soturno – Brasil. *Mundo Agrario*, La Plata, v. 16, n. 33, 2015.
- COUTINHO, M. C.; KRAWULSKI, E.; SOARES, D. H. P. Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, [s.l.], v. 19, número especial, p. 29–37, 2007.
- DAL ROSSO, S. *Ajornada de trabalho na sociedade: o castigo de Prometeu*. São Paulo: LTr, 1996.
- DEJOURS, C. Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. I. (org.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília, DF: Paralelo 15, 2004a.
- DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 27–34, set./dez. 2004b.
- FILOMENO, K. *Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica*. São Paulo: Vetor, 1997.
- GARRIDO, E. M.; MERCURI, E. N. G. S. A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 87–95, 2013.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HINTERHOLZ, M. L. Tácitas e marginais: memórias das casas de estudante autônomas de Porto Alegre e as possibilidades para a história da educação. *Revista Brasileira de História da Educação*, [s.l.], v. 21, n. 51, p. 435–448, 2017.
- KROM, M. *Família e mitos, prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus, 2000.
- LAVIE, J. *O amor é o crime perfeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOPES, R. B. G. *Administração nos meios de hospedagem*. Montes Claros, MG: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, 2015.
- MAURELL, J. R. P.; MACHADO, C. C. A produção científica sobre moradia estudantil: um estudo dos artigos publicados no Portal de Periódicos da CAPES. *Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [s.l.], v. 5, n. 4, edição especial, abr. 2019.
- NARDI, H. C. *Ética, trabalho e subjetividade: trajetórias de vida no contexto das transformações do capitalismo contemporâneo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

NARDI, H. C.; TITTONI, J.; BERNARDES, J. S. Subjetividade e trabalho. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (org.). *Trabalho e tecnologia: dicionário crítico*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2011. p. 375–378.

NEVES, D. R. et al. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. *Cadernos EBAPE.BR*, [s.l.], v. 16, n. 2, p. 318–330, 2018.

OLIVEIRA, C. T.; DIAS, A. C. G. Percepções parentais sobre sua participação no desenvolvimento profissional dos filhos universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 61–72, 2013.

PATTON, M. Q. *Qualitative research & evaluation methods: integrating theory and practice*. 4. ed. Saint Paul, MN: Sage Publications, 2015.

PLASTINO, C. A. A constituição do sujeito coletivo e a questão dos direitos humanos. In: SCSELRAD, G. (org.). *Avessos do prazer*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. p. 17–33.

SANTANA, I. L. Subjetividade e trabalho ou como as mudanças do capitalismo têm afetado a constituição de sujeitos. *Primeiros Escritos*, São Paulo, n. 10, 2020.

SANTOS, L. S. S.; ALVARENGA, G. I.; ALVES, R. C. M. Histórias de vidas e trajetórias profissionais: estudo com profissionais de administração. In: *XXXI Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS)*. Uruguai, 2017.

SILVA, N.; TOLFO, S. R. Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 341–354, dez. 2012.

SOARES, D. H. P. *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Summus, 2002.

SPANNEVELLO, R. M. *A dinâmica sucessória na agricultura familiar*. 2008. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SZNELWAR, L. I.; UCHIDA, S.; LANCMAN, S. A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo Social*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 11–30, jun. 2011.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. *Psicologia & Sociedade*, [s.l.], v. 19, edição especial 1, p. 38–46, 2007.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

VIEIRA, M. M. F.; PEREIRA, B. N. Estudos etnográficos em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (org.). *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p. 223–237.

ZIMOVSKI, T.; VASCONCELOS, M. E. S. M.; CARRIERI, A. P. O trabalho da transformação: a criação do sujeito entre a dialética e a resistência política. *Caderno de Administração*, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 13–30, 21 jul. 2022.